

Tribuna do Norte - Caderno de Domingo, 5
04/01/87



Onde hoje existe o Mangue ficou a esquadra holandesa

HISTÓRIA

O desembarque dos holandeses no Rio Potengi, há exatos 354 anos

Na edição de "O Poti" de 14/09/1986, já descrevemos o desembarque holandês na antiga praia de Ponta Negra, hoje correspondente a de Mãe Luíza. No mesmo dia em que ocorreu aquele desembarque, 8 de dezembro de 1633 (um dia de quinta-feira, cuja maré cheia verificou-se às 11 e meia da manhã), parte das tropas flamengas dirigiu-se à barra do Rio Grande (Potengi), embarcada em diversos navios sob o comando de Jan Cornelissen Lichthart, conduzindo também os senhores Van Ceulen, Ten. Cel. Balthasar Bymae e Carpentier. A esquadra veio impulsionada pelos ventos Leste e Norte, pretendendo a conquista do Forte dos Santos Três Reis, situado na barra do Potengi.

Quando os navios holandeses demonstraram a intenção de penetrar a barra do rio, a artilharia do Forte dos Santos Três Reis passou prematuramente a atirar com os seus canhões, o que não impediu a manobra dos invasores. Chegados a distância conveniente do forte, os navios flamengos passaram a responder ao fogo português, com grande fúria e precisão.

Os holandeses encontraram junto ao Forte duas caravelas fundeadas, cujos tripulantes portugueses as abandonaram, ante a aproximação da esquadra holandesa. O Comandante Lichthart, já tendo penetrado no rio, determinou então fossem cortadas as amarras que retinham as duas caravelas abandonadas, tendo-as aprisionado e incorporado à esquadra flamenga.

Era plano dos invasores desembarcar a companhia que vinha a bordo, em certo local à margem esquerda do rio, com a finalidade de cortar o abastecimento d'água dos defensores do Forte. Tal ponto de água potável, só poderia ser o atual Rio Doce, cujas águas desembocam na praia da Ponta Negra. Ainda, verificaram ser a praia tal medida, pois os defensores dos navios poderiam ser facilmente atacados pela aproximação dos portugueses.

ses, que pretendessem procurar aquele manancial d'água.

Ocorreu então o desembarque as tropas, que formavam uma única companhia, na margem direita do Potengi. Vieram-se-lhes juntar cerca de 150 marinheiros armados de mosquetes e sabres. Marcharam então em direção ao Forte, chegando a uma duna de areia nas proximidades da fortificação, onde existia um poço d'água, que, à época, abastecia do precioso líquido as tropas aquarteladas no Santos Três Reis. Ali acampou o Comandante, ficando no aguardo das outras tropas flamengas que haviam desembarcado naquele mesmo dia, na Ponta Negra.

Logo em seguida começaram os combates entre os invasores e as tropas da Fortaleza, em que foram utilizados canhões e mosquetes. Pelas três horas da tarde, chegaram àquela duna as tropas vindas de Ponta Negra, as quais se aquartelaram por detrás das dunas, devidamente protegidas do fogo proveniente do Santos Três Reis.

Deixaremos de lado os diversos episódios ocorridos entre os dias 8 e 12 de dezembro de 1633, período em que decorreu o cerco do Forte, culminado com a rendição do lado português e a vitória dos flamengos. Tal descrição fugiria ao nosso objetivo de hoje, ou seja, identificar a parte geográfica relacionada com o desembarque flamengo no rio Potengi.

A obra de Johannes De Laet (1582-1649) apresenta diversos mapas e gravuras elaborados pelos neerlandeses, focalizando a ocupação do Rio Grande, documentos de que nos utilizaremos para completar o quadro já descrito.

Em uma das gravuras, vêem-se alguns navios holandeses fundeados no Oceano, ao nascente da Fortaleza. Na barra do atual Rio Doce, na praia da Redinha, aparecem as duas caravelas portuguesas, aprisionadas, subindo o Potengi rebocadas por duas canoas flamengas movidas a remo. À frente das duas canoas, segue uma

outra embarcação similar. O grosso da esquadra flamenga achava-se ancorada em um porto, à margem direita do Potengi, mesmo no local onde desembocava um certo riacho provindo da atual Lagoa do Jacó, no porto hoje denominado de Canto do Mangue.

Ao sudoeste do Forte havia uma renque de dunas, aquelas mesmas em que os holandeses colocaram os seus canhões. Segundo as informações de fontes holandesas, aquelas dunas estavam quase ao mesmo nível do forte. Este forte está sujeito às altas dunas que lhe ficam a um tiro de arcabuz, e são tão elevadas que delas se podem ver pelas canhoneiras o terrapleno, e daí fuzilar os do castelo, que se dirigem para as muralhas.

Na mesma gravura, intitulada "Verovinge Van Rio Grande In Brasil", divisam-se os alojamentos flamengos, por detrás e ao sudoeste das dunas.

No mesmo livro de Laet aparece a gravura intitulada "Afbeeldinghe van 't Fort op Rio Grande ende Belegeringhe", na qual já figura o Fort Tres Reys convertido no Fort Ceulen. Sobre as dunas três baterias, uma delas de morteiros.

Exatamente ao Sudoeste do Forte Ceulen, existia o Het Quartier van ons volck, o quartel da soldadesca, vizinho e ao poente do qual, existia o Logement vande K. Mathias van Ceulen, o alojamento de van Ceulen.

No livro de Barléu, figura um mapa intitulado "Castrum Ceulianum", de alto valor informativo: vêem-se o Castellum e as pedras que as marés altas inundam, os arrecifes, a vegetação típica da areia, as pedras submersas junto à entrada da barra, o canal de navegação, as observações sobre o calado da barra, algumas construções denominadas de Fortax conficiendo calci, além de algumas lagoazinhas, aquae dulaes. Na parte correspondente à atual Redinha, viam-se algumas casinhas à beira do Potengi, certamente de pescadores.

Olavo de Medeiros Filho